

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS /UEA**  
**NÚCLEO DE ESTUDOS SUPERIORES DE MAUÉS/NESMAU**

**“VARIÇÃO DIACRÔNICA: UM REFLEXO OBSERVADO NA TERCEIRA IDADE**

Francicléia Arruda da Cruz<sup>1</sup>

**Orientador:** Franklin Roosevelt M. de Castro<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo faz parte do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras, através da pesquisa intitulada “Variação Diacrônica: Um reflexo observado na terceira idade”, o qual traz abordagens sobre a temática, apresentando suas nuances e especificidades. Este trabalho objetiva enfatizar sobre a linguagem preservada pela terceira idade, a qual consiste em uma variação dialetal que na atualidade caiu em desuso, mas que reflete em um aspecto histórico, preservada por boa parte dos idosos, além de identificar sobre como os idosos lidam com as variações, bem como retratar a importância do respeito quanto às variações diacrônicas frente a uma sociedade que possui muito preconceito linguístico. Para tanto, fez-se necessário adentrar este universo, usando de uma pesquisa de sentido qualitativa, com abordagens dialéticas, e contando com a pesquisa bibliográfica, além da pesquisa de campo para compreender e dar veracidade as questões supracitadas. Os teóricos abordados refletem as literaturas enfatizadas na pesquisa, entre eles: Brasil(1998); Bortoni-Ricardo (2004); Molica e Braga(2008) e outros. O universo desta pesquisa pauta-se em idosos frequentadores do CCI(Centro de Convivência do Idoso) do Município de Maués/Am, numa amostra de 20 idosos, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

**PALAVRA- CHAVE:** Idosos; variação; preconceito;

**INTRODUÇÃO**

A variação dialetal ou diacrônica por muitas vezes foi estereotipada, tida como um processo lexical sem validade, não funcional, ficando à margem até de materiais didáticos. Todavia, é uma variação que tende a resgatar muitos valores implícitos na forma de falar de muitos idosos, especialmente porque absorvem uma variação que mesmo em desuso por parte da população, está evidente em uma classe que tem aumentado significativamente, que é a dos idosos.

Para Duarte (2013) “o tratamento dado à variação é, além de estereotipado, não funcional, na medida em que os materiais didáticos, em sua maioria, apenas descrevem casos de variação diatópica nos níveis fonético-fonológico e, principalmente, lexical”.

É possível ainda, relatar que a variação diacrônica configura-se como ferramenta importante para que se entendam os fenômenos de heterogeneidade linguística, sendo

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras/CESP. Núcleo de Estudos Superiores de Maués/Universidade do Estado do Amazonas – UEA, e-mail:

importante para que a gramática reconheça as mudanças da variação linguística frente à variação recente, o que contribuirá efetivamente para o combate ao preconceito linguístico.

[...] a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Professores e alunos devem estar conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. A escola deve incentivar o emprego criativo e competente do Português, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um sentimento de segurança em relação ao uso da língua. Essa postura respeitosa no trato das diferenças socioculturais e linguísticas é um compromisso dos professores. (COAN; FREITAG, 2010, p. 180).

Em vista disso, este trabalho justifica-se por buscar enfatizar sobre a variação diacrônica observada entre os idosos, especialmente os do CCI/Maués (Centro de Convivência do Idoso de Maués), de modo a enfatizar sobre a linguagem preservada pela terceira idade, a qual consiste em uma variação dialetal que na atualidade caiu em desuso, mas que reflete em um aspecto histórico, preservada por boa parte dos idosos, bem como identificar sobre como os idosos lidam com as variações diacrônicas, além de relatar aspectos que denotem preconceito linguístico aos idosos e retratar a importância do respeito quanto às variações diacrônicas frente a uma sociedade que possui muito preconceito linguístico.

Para tanto, foi necessário fazer uma entrevista com os idosos da terceira idade, os quais foram escolhidos de forma aleatória 20 idosos, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, os quais são frequentadores do CCI/Maués, e puderam dar veracidade ao trabalho.

Assim, vale salientar que as bases norteadoras desta pesquisa embasam-se em retratar aspectos que foram mudados e caíram em desuso com o passar do tempo, e conseqüentemente incluídas no léxico, além de mostrar que os idosos passaram e passam por longa transformação histórica, o que nos permite aludir que os mesmos apresentam nuances de diversas épocas, apresentando uma variação diacrônica rica e, é possível ainda, relatar que a variação diacrônica configura-se como ferramenta importante para que se entendam os fenômenos de heterogeneidade linguística, sendo importante para que o ensino reconheça as mudanças da variação linguística frente à variação recente, o que contribuirá efetivamente para o combate ao preconceito linguístico.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 SOCIOLINGUÍSTICA**

Para iniciar alguma reflexão a base da sociolinguística, antes é necessário que se fale sobre dois linguistas, os quais suas dicotomias se diferem. Todavia, vale ressaltar que foram

fundamentais cada qual com sua especificidade, trata-se de Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky.

Ferdinand de Saussure considerado o pai da corrente linguística denominada estruturalismo, em que a língua é considerada uma estrutura autônoma, retrata que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. (MOLICA e BRAGA,2008, p.21)

Sob outras concepções, Noam Chomsky apresenta a corrente denominada gerativismo, onde a língua é vista como um sistema de princípios universais, que flui a partir dos conhecimentos que o falante tem sobre a língua, em outras palavras trata-se da competência que este exerce sobre a língua. (TARALLO,1982, p.43).

Em vista disso, as abordagens estruturalista e gerativista retratam a língua como uma realidade ilusória, onde não existem os fatores sociais e históricos, é como se ela tivesse uma ruptura entre esses fatores e conseqüentemente não existisse.

Para tanto, na década de 60, com bases controversas a algumas abordagens citadas acima, William Labov, considerado o pai da sociolinguística, desponta no EUA, com bases e teorias advindas de Bakhtin, e em especial Antonie Meillet que comungava com alguns pressupostos da teoria estruturalista, onde a língua “por ser um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921 apud CALVET, 2002, p. 16).

Assim, a sociolinguística passa a apresentar um estudo mais detalhado sobre questões relacionadas ao bilinguismo, variação linguística, contato linguístico, mudança linguística e outros. Em outras palavras, a sociolinguística estuda a relação entre a língua e a sociedade.

Vale salientar que a relação entre língua e sociedade vai além do que se imagina nos pressupostos teóricos, haja vista que é através da língua que acontece a interação entre o indivíduo e a sociedade, e que uma depende da outra, pois não há sociedade se não houver língua, e não há indivíduo se não houver língua, onde Alkmin (2001, p. 21) retrata que “língua e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”.

Ainda sobre a visão do autor citado acima, a Sociolinguística é uma disciplina que busca analisar o uso da língua a partir do ponto de vista social. E a linguagem tem um papel fundamental para a comunicação dos seres humanos e, como vemos pode-se ter a verbal e não verbal.

Com isso, a Sociolinguística entra para mostrar como os fatores externos influenciam diretamente na comunicação. O uso da língua está tão ligado ao ser humano que a Sociolinguística, tendo como foco o estudo da língua, oferece um conhecimento específico sobre o ser humano.

Ele passa a se conhecer melhor ao analisar melhor a história que carrega e o conhecimento adquirido por toda a vida. A influência que a sociedade tem sobre a língua é bastante elevada, são analisados os costumes do falante como ser humano integrado à sociedade que está inserido. (ALKMIN, 2001, p,24).

A Sociolinguística estuda os aspectos que são resultados da relação entre a língua e a sociedade, sempre se concentrando na parte social da língua. Ela analisa todos os fatores que a envolvem, não de forma isolada como as outras ciências, mas considera todos os fatores que envolvem uma comunidade, como o plano econômico, a posição social que certa pessoa ocupa, o nível de ensino, o gênero, a profissão que exerce, até mesmo os valores e conceitos recebidos e herdados dos pais e do meio em que cresceu. Se pararmos pra pensar, a Sociolinguística também analisa o plano da comunicação humana através do ambiente que está inserido, já que a língua possui inúmeras variações. (CALVET, 2002, p. 44).

Com isso, enfatiza-se que a sociolinguística passa a ter uma visão sobre perspectivas baseadas de que a língua em seu uso e atribuições depende de diversas variáveis, uma vez que seu objeto é a língua em sua totalidade, seja transmitida pela fala, sendo perceptível o contexto social.

Assim, faz-se necessário salientar que a mesma é tida como um elo fundamental para com a sociedade, sendo vista, em especial nos dias atuais como uma ferramenta socializadora e importante estrutura de mecanismos interacionais e integrantes no que se refere à comunicação humana em suas variações.

## **2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

A variação linguística é algo inerente às línguas, está associada ao bom funcionamento do sistema linguístico, além de retratar através de sua heterogeneidade que os falantes usam formas diferentes de falar, apresentando variações que ocorrem no mesmo contexto linguístico, possuindo o mesmo valor referencial, com o mesmo teor de verdade e o mesmo significado. (POSSENTI, 2011, p. 35).

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os

constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (BRASIL, 1998, p. 29).

Para Mollica e Braga (2008, p.76) estes complementam que a variação linguística está presente em todas as línguas naturais, constituindo-se, portanto, um objeto de estudo considerado pela Sociolinguística que a entende como um princípio geral e universal que pode ser analisada e descrita cientificamente.

Já para Murrie, (2004, p.15), a variação linguística “[...] é a seiva que mantém a língua viva e de que é impossível impedi-la, por mais que tente fossilizar a língua, ditando regras a serem seguidas, ela sempre surpreende com sua diversidade”.

Em relação a sua tipologia, esta se classifica em duas, a dialetal e a de registros, as quais levam em consideração vários fatores, dentre eles: as condições socioculturais, regionais, idade, gênero profissão, nível de escolaridade e outros. Segundo Tarallo (2002, p. 8), variantes Linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor, e a elas dá-se o nome de variável Linguística.

A variação dialetal se subdivide em vários, tendo esses suas especificidades, diferenciando-se uma das outras, os quais são: Variação diatópica ou geográfica, diastrática ou social, históricas ou diacrônicas, diamésicas, variedade devido à idade, variedade devido o sexo (gênero) e devido o grau de escolaridade, conforme Câmara Junior (2001):

Ela (a língua) varia no espaço, criando no seu território o conceito dos dialetos regionais. Também varia na hierarquia social, estabelecendo o que hoje se chama dialetos sociais [...]. Varia ainda, para um mesmo indivíduo, conforme a situação em que se acha [...] estabelecendo o que um grupo moderno de linguistas ingleses denomina os registros. (CÂMARA JUNIOR, 2001, p.17).

Há também as variações diamésicas, que são consideradas como as variações que surgem através dos meios e /ou veículos.

Segundo Ilari & Basso (2009) são variações da língua associada aos diferentes meios ou veículos.

Por conseguinte, tem-se a variação diatópica ou geográfica, que segundo pressupostos retratados nos Pcn's, o Brasil, possui muitas variedades dialetais, as quais são identificadas geograficamente e socialmente pela forma como falam. (BRASIL, 1997.p.26).

Assim, estas resumem-se em contextos diferentes de falantes, sendo muitas vezes estigmatizados por suas formas de falar, como o chiado do carioca ou o R arrastado do paulista, onde a sociedade gosta de impor um padrão para os falantes, retratando que o falar de um Estado se sobrepõe sobre o outro, Segundo Bortoni-Ricardo (2004):

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na sociedade brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.33).

Em seguida, enfatiza-se sobre a variação diastrática, evidenciada pelos falantes rotulados por suas classes sociais, a grupos identitários ou de profissionais, os quais segundo Mollica e Braga (2008) e Calvet (2002), esses podem ser identificados entre faixas etárias, na escolaridade, bem como nas redes sociais vinculadas através da Internet, entre outros.

*O Facebook atua como uma grande ferramenta de pesquisa no que se refere aos estudos sociolinguísticos, já que neste espaço está inserido a heterogeneidade social, isto é, os usuários são de diferentes faixas etárias, escolaridade e gênero/sexo, o que retrata a variação dos falantes.*(MOLLICA e BRAGA,2008,p.67).

Com relação à variedade devido ao sexo (gênero), há autores que retratam que isso não influencia a forma de falar do falante, como o caso de Pinto (2018),Labov (1964) e outros. Todavia, tem há autores que afirmam que sim, que há relações intermitentes entre o sexo (gênero) quanto ao modo de falar dos falantes, como o caso de Mollica e Braga (2008), que afirma que:

No conjunto variáveis externas a língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). (MOLLICA e BRAGA, 2008, p.21).

Quanto ao grau de escolaridade, pode-se afirmar que muitos autores atribuem essas variações de maneira que podem ser identificadas também pela classe social, onde situações de falantes que usam a norma padrão rotineiramente são atribuídas a pessoas com grau de escolaridade maior e situação de classe social mais estável, e aquelas outras situações em que o falante usa a fala popular, gíria e outros, sendo atribuídos a uma classe social inferior, o que justifica o grau de escolaridade também inferior, conforme o que defende BAGNO (2011).

Verificou-se que os negros e os brancos brasileiros não apresentam diferenças linguísticas sensíveis em suas variedades, o mesmo acontecendo com as demais etnias que compõem nosso povo. Assim também acontece com homens e mulheres. O que vai determinar a classificação das variedades é a escolarização. (BAGNO, 2011, p. 164).

Há também a variação de registros que consiste em uma escolha de expressões ou construções de uma variedade padrão na escrita, substituindo a fala informal. Uma de suas características é o distanciamento que há entre os falantes, conforme Bagno (2011):

No momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”... E esta norma-padrão

passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua. (BAGNO, 2011, p. 25)

Em vista das diferentes variações linguísticas existentes, ressalta-se em especial a variação diacrônica, pertencente à variação dialetal, cujas características nortearão e embasarão boa parte dos estudos apresentados como base para a pesquisa em questão, tendo esta suas atribuições atreladas ao cunho histórico, a qual também é denominada, Camacho (1978 p.31) afirma que “o conhecimento de variantes históricas e seu reconhecimento pelos membros de sua comunidade, como pertencentes faz preservar o passado de um instrumento de comunicação”.

A variação diacrônica ou histórica consiste em retratar aspectos que foram mudados e caíram em desuso com o passar do tempo, e conseqüentemente incluídas no léxico, como é o caso da palavra “VOSMESSÊ”, usado antigamente para retratar a palavra “VOCÊ”, e atualmente tem sido substituído pela abreviação “VC”. (BAGNO, 2007). Ocorre especialmente em função das ações dos falantes, tendo em vista as mudanças ocorridas. Exemplos de mudanças lexicais são mostrados na crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade, conforme fragmento abaixo:

Antigamente as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia.” ( ANDRADE apud TRAVAGLIA, 1997, p.49-50).

Em vista do exposto acima, vale ressaltar que as modificações ocorridas entre o tempo em que as estruturas lexicais foram modificadas, formam um conjunto de variações diacrônicas altamente perceptíveis, e que na atualidade já não são mais usadas, uma vez que foram substituídas conforme a era que se vivencia. Todavia, é necessário salientar que os falantes que já usaram as estruturas lexicais citadas acima, saberão reconhecer o significado das mesmas, independente de utilizarem outras palavras para tais estruturas.

### **2.3 O LÉXICO E VARIAÇÃO LEXICAL**

O termo gramática tem igualmente origem no grego, *grammatikē (tekhnē)* ‘(arte) das letras’, proveniente de *gramma, grammat-* ‘letra do alfabeto’, sendo considerada um instrumento de poder e de controle. Assim, surgiu essa concepção de que os falantes e

escritores da língua precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua ‘bonita’, ‘correta’ e ‘pura’. (BAGNO, 1999, p. 64).

Ainda para Bagno (2007) a concepção de gramática “não é alinhar mecanicamente uma série de palavras ou de orações. É ter plena consciência de que cada palavra, de que cada oração é apenas uma brecha para o mundo, e que é este mundo que é importante, interessante, vital”, além de considerar a “gramática o instrumento para tocar a música da linguagem” (BAGNO, 2007, p. 311).

Já o léxico dentro de suas especificidades é mais amplo do que se possa imaginar, tendo um campo vasto de palavras que são transmitidos por geração. Todavia nenhum falante tem o domínio total deste universo.

Segundo Alves (2007), léxico é o conjunto de palavras que é transmitido às gerações de falantes de uma língua, porém nenhum falante tem o domínio completo do léxico da língua que fala. Isto porque o léxico é muito amplo, e a cada dia surgem novas palavras que a ele se incorporam ou dele desaparecem ou caem em desuso, que são os chamados arcaísmos.

Já para Biderman (1978), o léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceitual dessa língua. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo.

Segundo Isquierdo (2001, p. 14), o “léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”[...]. Ainda sobre o autor “é no léxico, também, que vemos, com maior clareza, a movimentação da língua, já que o léxico se constitui um sistema aberto e dinâmico, isto é, a cada momento sócio, histórico e cultural novas palavras surgem em detrimento do desaparecimento total ou parcial de outras”.

Assim, buscar compreender mais sobre o léxico tem levado muitos estudiosos a investigar mais sobre suas atribuições. Com isso, enfatiza-se sobre os pressupostos de sua formação e estrutura, aos quais sofrem com as mudanças conforme o tempo e espaço em que são constituídos, sendo flexíveis e indefinidos, como Biderman (1978) afirma acima.

Um exemplo de variação lexical mais simples pode ser apresentado nos léxicos: mandioca, macaxeira e aipim, os quais são léxicos diferentes, mas que representam o mesmo significado, muitas vezes sendo explorados por localidades diferentes, uma vez que a palavra mandioca é comumente usada na região Norte do Brasil; a macaxeira na região Nordeste e Aipim no Sul e Sudeste do país (TRAVAGLIA, 1997, p. 42) .



Quanto à tipologia da variação lexical, estas têm sido influenciadas pelos estudos geopolíticos, de diferentes regiões do Brasil, uma vez que esta apresenta seus níveis de variação conforme aspectos apresentados pelo tempo espaço.

A verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não por causa da grande extensão territorial do país- que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito-, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo.(BAGNO, 1999, pág.16).

Em outras denominações, as variações linguísticas relacionadas aos níveis, classificam-se como:

- Variação lexical;
- Variação fonológica;
- Variação morfofonológica, morfológica e morfossintática;
- Variação sintática;
- Variação e discurso.

Quanto ao nível de variação fonológica, esta tem como característica a troca de um fonema por outro, o qual é chamado de rotacismo. A variação morfofonológica, morfológica e morfossintática é aquela alteração que ocorre num morfema da palavra; a variação sintática é o uso de fenômenos de interface e a variação e discurso é uma relação coesiva entre uma informação precedente e outra subsequente.

Em vista disso, ressalta-se sobre as mudanças lexicais que tem apresentado um quadro de variáveis de permuta nas palavras, sendo estas apresentadas e inseridas em um contexto contemporâneo, influenciadas por uma geração tida como tecnológica, e apresentando diminuições a abreviações, o que tem preocupado vários estudiosos.

Segundo Faraco (2005), no estudo deste problema de transição, “a característica mais recorrente é o fato de a mudança não ser discreta. As formas antigas não são simplesmente substituídas pelas novas, mas há fases intermediárias em que as variantes coexistem e concorrem, diminuindo aos poucos a ocorrência de uma em oposição à outra, até que a mudança se complete”.

Assim, ainda segundo Faraco (2005, p.14), à variação lexical tem em seus aspectos a troca ou permuta com o tempo, espaço, de palavras como o mesmo significado, mas com a grafia completamente diferente, sendo conhecida por léxicos diferentes em lugares distintos, permitindo uma abrangência mais ampla das variações linguísticas e seus níveis.

### **3 - TRILHANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS**

O estudo se configura em uma pesquisa qualitativa, que segundo Silva (2000, p.20) é “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

O método de abordagem é o dialético, tendo em vista que o objetivo do trabalho foi analisar as variações diacrônicas ocorridas pelos falantes de terceira idade, em especial aos do CCI (Centro de Convivência do Idoso de Maués/Am), o qual Segundo Ghedin (1965, pg. 118) esse método “compreende o ser humano como transformador e criador de seus contextos”.

Sob o ponto de vista de sua natureza, a pesquisa classifica-se como uma pesquisa aplicada, com o objetivo de “gerar conhecimento para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos”, é o que nos diz Silva (2000, p.18). Envolve verdades e interesses locais, uma vez que conduz a maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou construir hipóteses. Por conseguinte é possível classificá-la como estudo de caso.

De acordo com Lakatos e Marconi (2014, pag. 43): “a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui um caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando o método científico.

O objeto de estudo foi realizado a um universo de 30 idosos, tendo como base entrevistas e questionários a uma amostra de 20 (vinte) idosos do CCI (Centro de Convivência do Idoso de Maués/Am), onde a pesquisa realizou-se.

Para tanto, a entrevista foi desenvolvida através de perguntas abertas e fechadas, bem como, utilização de questionários, os quais foram analisados a partir de tabulações, gráficos e materiais externos advindos das respostas dos entrevistados, o que possibilitou uma visão mais detalhada do objeto de estudo.

Assim, aplicou-se o questionário, os quais através das respostas, estas puderam ser coletadas, observadas e analisadas, e depois transformadas em tabulações e/ou gráficos.

### **4- RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Iniciamos este trabalho indagando sobre a variação diacrônica e a sua importância para a formação de nossos alunos, uma vez que esta é negligenciada sim, pois não há muitos materiais ou estudos que nos permitam aludir sobre a sua importância dada que alguns

documentos norteadores (PCN e outros) trabalham de forma classificatória, o que nos respalda para adentrarmos e ressaltamos os motivos de tanto preconceito linguístico no Brasil.

Sim, nossos livros limitam o tratamento da variação aos “sotaques regionais” e as diferenças lexicais que caracterizam essa ou aquela região! As diferenças morfosintáticas entre o português nosso de cada dia e a escrita não são sequer mencionadas pela maioria dos livros. (DUARTE, 2013, p. 47).

Em vista desse preconceito linguístico, ressalta-se a variação diacrônica identificada entre os idosos, uma vez que estes são também atores nesse processo de variação que atualmente estão em desuso.

Os idosos passaram e passam por longa transformação histórica, o que nos permite aludir que os mesmos apresentam nuances de diversas épocas, apresentando uma variação diacrônica rica, pois acostumaram-se a falar de uma forma própria, gerida por uma época, ou por grau de escolaridade, ou por pelo ambiente em que viviam.

Os falantes de uma língua nem sempre se expressam do mesmo modo. As diferenças ocorrem pelos mais diversos fatores: a região de origem do falante, a faixa etária, o grau de escolaridade, a classe ou grupo social a que ele pertence, entre muitos outros. Essas diferenças determinam as variedades linguísticas. (FARACO; MOURA; MARUXO Jr., 2016, p. 39).

Vale salientar que em muitos casos essas variações não são vistas como algo inerente ao meio em que a pessoa convive, ou seu lugar de origem, ou conforme sua idade, ou grau de escolaridade, e sim como uma forma errada de falar a língua portuguesa, não sendo respeitada como deveria.

E ainda:

Como acontecem as mudanças nas línguas? Elas nem sempre são percebidas pelos falantes porque são lentas e graduais, só identificadas de tempos em tempos. Na língua usada pela coletividade, ocorrem variações num dado momento histórico. Aquelas que permanecem são incorporadas a língua escrita, entram para o dicionário, ganham status de língua padrão e marcam mudanças na evolução da língua. Essas mudanças ocorrem de forma diferente e com ritmo próprio em cada comunidade. Determinados grupos sociais trocam os seus hábitos linguísticos, ao passo que outros preservam traços de estágios anteriores da língua. (CAMPOS; ASSUMPCAO, 2016, p. 129).

A variação diacrônica quanto à idade, é sem dúvida uma das mais ricas, embora não seja tão valorizada quanto deveria. Para Cereja; Vianna; Damien (2016):

Essa variação na língua, que ocorre através do tempo, e chamada de diacrônica. E possível, assim, considerar que o português arcaico, ou galego-português, e uma variedade antiga do português atual. Não é preciso voltar séculos no tempo para perceber esse tipo de variação. Na canção “Vozes da seca” há os termos vosmicê e mercê, equivalentes, hoje, a você, ocê, cê. Diferenças no uso da língua entre gerações que convivem em uma mesma época também constituem a variação diacrônica, da qual são exemplos expressões e gírias usadas apenas por nossos pais ou avós (CEREJA; VIANNA; DAMIEN, 2016, p. 51).

Em vista disso, foi feita uma entrevista com os idosos do CCI/Maués para que houvesse um entendimento acerca da variação diacrônica na terceira idade, o que é muito comum entre os eles.

Para I4/F/89(codínome para resguardar a identidade dos entrevistados/sexo/idade), muitas palavras mudaram e continuam mudando, o que leva a pensar que daqui a alguns anos mudará mais ainda.

*“ eu me alembro de quando era pixixita, e minha tia Carmelita chamava nós pra cumer,ela gritava tum alto que meus ovrido chega trimia, “ sempre falando “vumbora minha gente, que o armoço tar sirvido”, e hoje fico prestando atenção nos meus filhos quando chamam meus netinhos pra cumer, pois eles istudaram, coisa que nem eu, nem minha mãe e minhas tias pudemos. Acho bunito de ouvir ça gente chamar pra armoçar, eles falam palavra difícil, um dia desses perguntei da Mariela o qui era desjejum, e ela mi falou que era pra fazer a refeição, ela aprendeu na igreja dela”.( I4/F/89, 2019).*

Em vista a fala acima, a entrevistada retrata que as palavras vão mudando com o tempo, embora já existam. No entanto, o meio em que a mesma vivia e o seu grau de escolaridade, determinaram as expressões usadas pela mesma e por alguns membros de sua família, diferenciando das expressões usadas pela sua filha, que devido a grau de escolaridade superior ao da entrevistada, usava palavras que a mesma desconhecia.

A variação diacrônica reflete em muitos aspectos nas mudanças ocorridas, em especial nas palavras que estão em desuso, para muitos idosos, há palavras que por mais que eles conheçam a nova forma, eles já se acostumaram a usar, e, portanto, não querem assim mudar a sua forma de falar.

Para I14/M/81:

*“Eu sei que muitas pessoas riem de nós pela forma que falamos, principalmente os jovem, eles acham que só eles estão certo, que o modo de falar deles é que é o correto. Mas sabe sinhora, eu discordo, pois embora eu não tenha muito estudo, estudei até o antigo 1º grau, mas eu assisto muito televisão e vejo muitas notícias, que a cada ano que passa a nossa língua portuguesa ganha palavras novas, mas que as antigas também ainda continuam valendo. Olha, um exemplo é a palavra pranta, há muitos anos agente usava a palavra pranta, eu meu pai, meu avó, meu bisavó, depois começaram a falar planta, eu me acustumei a falar pranta, e eu não consigo mudar, só falo pranta, mas eu sei que num tá errado.” (I14/M/81:,2019)*

Levando em consideração a fala da entrevistada acima é notório que o preconceito linguístico existe em relação à forma que os idosos falam. Todavia, muitos acostumaram-se a

falar de uma determinada maneira, e nem frente o preconceito alguns conseguem mudar, mesmo conhecendo as palavras com a grafia reconhecida pela gramática padrão, uma vez que as palavras são internalizadas.

Quando perguntado qual das palavras eles usavam bastante, e hoje são faladas de outra maneira, e que são recebidas pelos jovens de maneira que os levem a rir, ou achem engraçado, a resposta das dez mais faladas foi:

<b>1 SUVACO</b>	AXILAS
<b>2 PRIMAVERA</b>	ANIVERSÁRIO
<b>3 CUMBUCA</b>	JARRO
<b>4 ENCARNADO</b>	VERMELHO
<b>5 AZULÃO</b>	ESCURO
<b>6 AVOAR</b>	VOAR
<b>7 MORINGA</b>	TIPO DE POTE
<b>8 PORONGAR</b>	PASSAR A NOITE A ESPREITA DE UM ALVO
<b>9 FRECHAR</b>	FLEXAR
<b>10 ARPOAR</b>	LANÇAR UM TIPO DE VARA

O quadro acima reflete indubitavelmente em como os idosos internalizaram as palavras negritadas, mesmo sabendo que hoje caíram em desuso e foram substituídas pelas palavras sem negrito, ainda assim, os mesmos permaneceram usando-as, resistindo ao tempo, às mudanças e o preconceito.

I7/M/79:

*“Eu fui professor durante muitos anos, me aposentei como tal, mas mesmo sendo professor acostumei a falar algumas palavras que fogem do padrão imposto pela sociedade. Na minha casa quando falo encarnado para vermelho, viro motivo de piada, meus netos acham engraçado quando me refiro assim, a cor vermelha. Não que eu não saiba, eu sei, mas o costume de anos, ouvindo meus avós e meus pais acabaram impregnando a palavra na minha mente. As vezes sinto vontade de dizer a eles, sobre como é ruim não aceitar o modo de falar das pessoas, principalmente das pessoas mais velhas.”( I7/79/M,2019).*

Para o entrevistado acima, as pessoas não conseguem aceitar a forma de falar dos outros, mesmo que este saiba que a palavra fuja do padrão. É importante ressaltar também,

sobre a falta de respeito que as pessoas têm em relação às formas de expressão e comunicação das pessoas idosas, parece que se torna inviável a aceitação das pessoas com relação a isso.

Para I20/F/67:

*“ Eu morei quase a minha vida toda na zona rural, vim para a cidade faz pouco tempo, então a gente tem uma forma de falar um pouco mais acabocado, como o pessoal fala. Lá é comum a gente falar arpoar, porangar, moringa, suvaco, essas coisas. Mas aqui na cidade, se você fala assim, eles riem de ti, fazem caçoada da tua cara. Um dia desses, meu filho mandou um bilhete para eu mandar um desodorante pro braço pra ele, e eu fui comprar lá na minha conta, eu perguntei do rapaz se tinha creme de suvaco, e ele riu da minha cara, depois falou, tem desodorante para axilas sim senhora, é aqui atrás. Fiquei com muita vergonha!”.( I20/F/67,2019).*

Para esse entrevistado, as pessoas além de ridicularizar as outras, ainda sobrepõem em corrigi-las, tornando o processo ainda mais humilhante para quem vivencia esses tipos de situações.

É importante ressaltar que a pessoa deve ser respeitada, independentemente de qualquer fator, seja ela pela sua religião ou pela forma de falar, que é uma das abordagens desta pesquisa, que as pessoas saibam o quanto é importante respeitar a forma de falar das pessoas, sejam elas por seu cunho histórico, gênero, meio social, idade e outros.

Para I2/M/69:

*“eu espero que as pessoas aprendam a nos respeitar, primeiro por que nossa idade reflete nossa experiência, segundo por que hoje se fala tanto em diferença, que muita gente ainda não aprendeu a respeitar as diferenças das pessoas. Nós velhos, falamos assim, esse é o nosso jeito, aprendemos assim, e assim queremos que as pessoas escutem e respeitem a gente”(I2/M/69,2019).*

Para o entrevistado acima, o respeito deve ser prioridade, pois as pessoas devem aprender a conviver com as diferenças uns dos outros, e que as diferenças sejam vistas como algo positivo para a sociedade e não como um fator de retrocesso ou inadequação.

Para finalizar essa pesquisa, faço uma reflexão nas palavras dos autores a seguir, que enquadram muito bem as transformações das palavras ao longo dos anos, onde “as mudanças nascem de variações da fala consolidadas após um tempo de uso. Podem ocorrer por adição, perda ou troca de fonemas, troca de lugar do fonema na palavra; alterações na sintaxe[...]”(CAMPOS; ASSUMPCAO, 2016, p. 129).

Portanto, muitas palavras nascem das mudanças ocorridas ao longo do tempo, sejam elas por diferentes motivos ou pelo simples fato de que se perduram a anos. É importante

ressaltar que a variação diacrônica é um tema que deve ser mais explorado, pois assim, quem sabe um dia não possa ser trabalhada de maneira mais aplicada e vista nas gramáticas como um tema a ser explorado na sociolinguística.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo nos permitiu adentrar o universo das variações diacrônicas, especialmente no que concerne aos idosos, seu modo de falar, as transformações ao longo dos anos, e como estes são vistos pela sociedade quanto ao modo de falar.

Vale salientar, que a variação diacrônica refletida sobre a terceira idade pauta-se na acepção das palavras que mudaram ao longo dos anos e ganharam enfoque de desuso por boa parte da população. Todavia, mantidos por essa classe social que é discriminada ao falar de modo como antes.

Portanto, objetivando conhecer um pouco mais sobre a temática e enfatizar sobre as variações diacrônicas e suas especificidades, acredita-se que devemos massificar mais informações sobre o tema, de modo que a variação diacrônica não seja tão desvalorizada quanto é, haja vista que nem os PCN's trabalham de forma nos materiais didáticos.

É importante ressaltar também, que em muitos casos o preconceito linguístico ganhou enfoque neste trabalho, haja visto que foi contundentemente apresentado pelo universo da pesquisa.

Espera-se assim, que o meio acadêmico suscite mais questionamentos para que o assunto possa ser abordado e visto por outro viés, ressaltando a sua importância para a sociedade como um todo.

## REFERÊNCIA

- ALKMIN, T. A. **Sociolinguística**: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.
- ALVES, Ieda Maria. **Criação Lexical**. São Paulo: Ática. 2007.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BIDERMAN, M.T.C. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna**: a Sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004. 108p.
- CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Dois Fases na Aquisição de Padrões Linguísticos por Adolescentes**, dissertação de Mestrado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1978.
- CAMARA JR. Joaquim M. **Estrutura da língua portuguesa**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPCAO, N. **Esferas das linguagens** . São Paulo: FTD, 2016. Vol. 1.
- CEREJA, W. R.; VIANNA, C. A. D.; DAMIEN, C. C. Português contemporâneo: dialogo, reflexão e uso. São Paulo: Saraiva, 2016. Vol 1.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. K. **Sociolinguística variacionista**: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. Domínios de Lingu@Gem, v. 4, p. 173-194, 2010.
- DUARTE, M. E. L. **Sobre o ensino de gramática nos níveis fundamental e médio**: por que como e quando? Matraca (Rio de Janeiro), v. 19, p. 41-60, 2013.



FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M.; MARUXO Jr, J. H. **Língua portuguesa** : linguagem e interação. 3a ed. São Paulo: Ática: 2016. Vol. 1.

GHEDIN, Evandro, 1965 – **Questões de método na construção da pesquisa em educação** / Evandro Ghedin, Maria Amélia Santoro Franco – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ILARI, R. & BASSO, R. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2009, p. 180- 185.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. **As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2ª ed. Campo Grande, Ms: ed. UFMS, 2001.

LABOV, William. **Phonological correlates of social stratification**. American Anthropologist, v. 66, n. 6 PART2, p. 164-176, 1964.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. – **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

MURRIE, Zuleika de Felice *et al.* **Projeto Escola e Cidadania para Todos**: Língua Portuguesa. São Paulo: Editora do Brasil, 2004, 816 p.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

PINTO, Erick Marcondes. **Aspectos sociolinguísticos da palatização de/S/,/D/,/T/ e /L/do português brasileiro**. Repositório Institucional UEA, 2018.

SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Programa de pós graduação em Engenharia de Produção, Universidade de Federal de Santa Catarina , Florianópolis, 2000.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. Ed. Ática, 1982.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação** – uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIB/UEA**  
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL**  
**GRADUAÇÃO**

**1. GRADUAÇÃO**

Monografia  Artigo Científico  Relatório Final

**2. Outros Tipos:** \_\_\_\_\_

**3. Identificação do Autor**

Nome: *Francieleia Arruda da Cruz*

RG: *2462526-4* CPF: *009.048.632-39* Email:

Orientador: *Franklin Roosevelt Martins de Castro* CPF:

Co-orientador: \_\_\_\_\_ CPF:

**4. Identificação do Documento**

Curso: *Licenciatura em Letras Língua Portuguesa*

Título da obra: *Variação Diacrônica: Um Reflexo Observado na Terceira Idade*

Número de páginas: \_\_\_\_\_ Data da defesa: *01/08/19*

Palavras-Chave: *Idosos; variação; preconceito*

**5. Informações de Acesso ao Documento**

Este documento é confidencial?\*  Sim  Não  
Este trabalho ocasionará registro de patente?  Sim  Não  
Este trabalho pode ser liberado para reprodução:  Total  Parcial

Em caso de reprodução parcial, especifique quais os capítulos:

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9.610/98, autorizo a Universidade do Estado do Amazonas a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinaladas acima, o documento em meio eletrônico na Rede Mundial de Computadores, no formato digital PDF, para fins de leitura, impressão ou download, a título de divulgação científica gerada pela Universidade, a partir desta data. Estou ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade.

*Francieleia Arruda da Cruz*  
**Assinatura:**

*01/08/19*  
**Data**

*Maués - Am*  
**Local**

\*A restrição poderá ser mantida por até um ano a partir da data de autorização da publicação. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à Coordenação do Curso. Todo resumo estará disponível.